

INTERROGANTES DO SER *QUESTIONERS OF THE BEING*

Eliseudo Salvino Gomes
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Resumo: O presente artigo tem por objetivos principais dar suporte ao processo formativo no que é pertinente à opção vocacional feita pelo indivíduo em suas múltiplas possibilidades de carreira profissional e/ou por sua opção à Vida Religiosa Consagrada e/ou Sacerdotal. Possibilitando-lhe a partir do conhecimento de si, que haja maior espontaneidade e satisfação frente a qualquer que seja essa escolha; e contribuir para uma melhor qualidade no exercício responsável por uma formação humana cada vez melhor e responsável.

Palavras Chave: vocação; vida religiosa; formação humana.

Abstract: This paper has as main objectives to support the educational process on what is relevant to vocational choice made by individuals in their multiple possibilities for career development and / or for the choice of Consecrated and / or Priestly Religious Life. Enabling, from the self-knowledge, more spontaneity and satisfaction before any choice, and contributing for a better quality in responsible exercising for an even better and responsible human formation.

Key Words: vocation; priestly religious life; human formation

*“Eu venho, não sei de onde,
eu sou, não sei quem,
eu morro, não sei quando,
eu irei, não sei para onde,
me maravilho de poder estar alegre”*
Citado por K. Jaspers (1968)

Introdução

Desde meados do século XVIII, época de grande significação na história inicial da Psicologia, as pesquisas teóricas e empíricas foram suficientes para evidenciar o desenvolvimento em situações que incidem na relação empática entre pessoas das diferentes classes sócio-econômicas. Neste sentido, o trabalho da orientação vocacional que visa dar suporte, em particular, aos jovens em suas escolhas vocacionais revelou que, a respeito do acesso a informações e processos de

autoconhecimento, todavia não aportavam elementos de segurança e de satisfação diante de suas opções profissionais ou modo de vida.

Portanto, no processo de discernimento vocacional a pergunta sobre “por que se age” é mais importante do que a pergunta “pelo que se faz”. Ao tentar compreender as razões das escolhas e opções do jovem estudante e/ou iniciante à vida cristã, o Psicólogo Educacional/Clínico deva ser levado a interagir por todo o dinamismo bio-psico-socio-espiritual do mesmo. Com esta nova proposta de trabalho, o

Profissional que presta serviço de “orientador vocacional” deve estar atento às motivações mais escondidas que são trazidas pelo sujeito em processo de discernimento.

A investigação da dinâmica que orienta as relações internas especialmente do adolescente, no processo formativo (terapêutico), é de vital importância face à profunda crise na estrutura familiar e religiosa da sociedade atual, que pode se expressar individualmente em crise psicológico-espiritual. Diante dessa crise, a pessoa humana deve perguntar-se sobre o porquê do seu existir, como se constitui, qual é o seu sentido, se possui um valor como pessoa, quais são esses valores que o sustentam e de que maneira poderá lograr as metas de salvaguarda de sua dignidade.

Nesse contexto, por vezes, a escola formal ou os centros/conventos onde acolhem cada pessoa em processo de formação assumem uma função defensiva, protetora e de segurança. É imprescindível, pois, preparar o terreno da interioridade do educando-vocacionado para que ele viva com sentido e liberdade a sua escolha vocacional; uma vez que o momento da opção profissional e estilo de vida têm se apresentado como fator de crescente dificuldade de escolha entre os jovens. Isto se constata por inúmeros estudiosos do universo juvenil.

Nos grandes centros urbanos torna-se cada vez mais presente a ansiedade e o stress da vida cotidiana. Em meio à luta pela sobrevivência e, principalmente, pelo sentir-se realizado, destaca-se, pressionada pela competitividade humana, a vocação. Vocação nesse caso, como a auto-realização profissional. Aquela que além de toda a formação acadêmica, conta ainda como o amadurecimento e o desenvolvimento de uma série de habilidades inerente ao indivíduo. No entanto, se a vocação representa o resultado de toda uma história profissional individual, cujas conseqüências são o reconhecimento e o retorno financeiro, por que algumas pessoas, possuindo tudo isso, sentem tanta insatisfação profissional e, conseqüentemente ausência de sentido?

Perguntar pelo sentido da vida, desde um aporte da psicologia

O que se faz necessário aqui é uma reviravolta em toda a colocação da pergunta pelo sentido da vida. Precisamos aprender e também ensinar às pessoas em dificuldades que *a rigor nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós*. Falando em termos filosóficos, se poderia dizer que se trata de fazer uma revolução copérnica. Não perguntamos mais pelo sentido da vida, mas nos experimentamos a nós mesmos como os indagados, como aqueles aos quais; a vida dirige perguntas diariamente e a cada hora - perguntas que precisamos responder, dando a resposta adequada não através de elucubrações ou discursos, mas apenas através da ação, através da conduta correta. Em última análise, viver não significa outra coisa que arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelos cumprimentos das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento.

Essa exigência, e com ela o sentido da existência, altera-se de pessoa para pessoa e de um momento para o outro. Jamais, portanto, o sentido da vida humana pode ser definido em termos genéricos, nunca se poderá responder com validade geral a pergunta por este sentido. A vida como entendemos aqui não é nada vago, mas sempre algo concreto, de modo que também as exigências que a vida nos faz sempre são bem concretas. Esta concreticidade está dada pelo destino do ser humano, que para cada um, sempre é algo único e singular.

Nenhum ser humano e, nenhum destino pode ser comparado com outro; nenhuma situação se repete. E em cada situação a pessoa é chamada a assumir outra atitude. Em dado momento, a sua situação concreta exige que ela aja, ou seja, que ela procure configurar ativamente o seu destino; em outro momento, que ela aproveite uma oportunidade para realizar valores de vivência Frankl (1989). Com sentido e satisfação, outra vez, que a pessoa assuma o seu destino-missão com responsabilidade.

Entretanto, sempre é assim que toda e qualquer situação se caracteriza, por esse caráter único e exclusivo que somente permite uma única

“resposta” correta à pergunta contida na situação concreta, pois, mesmo no sofrimento quando o indivíduo descobre o que seu destino lhe reservou, precisa ver neste sofrimento também uma tarefa sua; única e original. Mesmo diante do sofrimento, a pessoa precisa conquistar a consciência de que ela é única e exclusiva em todo o cosmo dentro deste destino sofrido, e que ninguém pode assumir dela o destino, ninguém pode substituir pessoa alguma em seus próprios compromissos. Portanto, na maneira como se encara as responsabilidades pessoais, está à possibilidade de uma realização única e singular de sentido.

Infelizmente, a novidade de sentido do ser humano vê-se frustrada em escala mundial. Um número crescente de pessoas está obcecado por uma sensação de ausência de sentido, que freqüentemente se faz acompanhar da sensação de vazio, em que Frankl, denominou de um “vazio existente”. Este vazio se manifesta principalmente pelo tédio e apatia.

Contudo, o sentido constitui o imperdível da existência humana, isto porque ele nunca pode ser alcançado completamente, capturado e internalizado totalmente, como pode ocorrer com os objetos de satisfação dos instantes.

Na logoterapia de Viktor Frankl, ou melhor, *logofilosofia* defende-se um “otimismo do passado”, considerado como nosso verdadeiro ser, nosso ser real. Tudo que é passado é indisponível, fechado. O futuro é rico em possibilidades, mas vazio de realidade. Na linha de encontro entre ambos os tempos, desenrola-se o presente, sempre como limite entre o nada do futuro e a eternidade do passado.

Desde Darwin, comprovam que, para que as espécies evoluam, é necessário que haja uma ameaça a sua sobrevivência provinda do meio ecológico ou dos próprios elementos componentes dessas espécies.

A psicologia clássica, baseada na psicodinâmica psicanalítica, preconiza que a culpa do homem, exatamente, secundária a essa busca de poder e prazer, o levaria, inconscientemente, a uma procura do sofrimento e da penitência para

aliviar-se do sofrimento. O sofrimento reto de um destino autêntico não é apenas por si mesmo uma realização, mas o feito mais arrojado que o homem consegue levar a termo.

Vocação, desde a perspectiva teológica

A definição de vocação em Palácio (1991) está vinculada à de missão na vida religiosa moderna, e tal definição deve ser entendida de forma profunda. Vejamos, a partir do autor, o que não é somente missão: testemunho de vida, o dever de evangelização e realização de tarefas de cunho cristão. Tais características são citadas no sentido de destacar dois momentos: um é quanto à necessidade de se fazer uma distinção entre missão e tarefa, e o outro é de que se precisa especificar que não existe distinção entre aquele que é e aquele que faz. Assim, o conceito de missão e, conseqüentemente, de vocação na vida religiosa moderna configura-se em desvendar o primitivo sentido cristológico da palavra Jesus Cristo - o ser - é filho de Deus enviado para a salvação dos homens - a missão - sem que para a realização dessa missão sejam determinados os caminhos - a tarefa. A missão/vocação não é um apêndice da vida religiosa, mas sim, algo essencial.

A priori o termo vocação tem um sentido muito mais abrangente do que uma simples forma de servir a Deus. Segundo a Bíblia, a vocação ocorre primeira no chamado para receber a salvação em Cristo: “Deus nos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade” (2 Ts 2,13).

Só depois é que vem a convocação para servi-lo (Mc 1,17). Esse depois pode nem sequer existir, pois a vocação para salvação e vocação para serviço acontecem concomitantemente. Em outras palavras, no momento em que somos salvos, somos também separados para alguma missão no Reino de Deus¹. O conhecimento do estilo dessa missão é que pode vir após algum tempo.

¹ Conceito bíblico referente à soberania de Deus. De acordo com o termo grego *basileia* e o hebraico *malkut*, a expressão traduz a idéia da dignidade e do poder soberano de Deus.

O Apóstolo Paulo entende a vocação como sendo o processo através do qual Deus chama àqueles que já os elegeu e nomeou para saírem da escravidão deste mundo a fim de que Ele os justifique e santifique (Rm 8, 29-30), trazendo-os ao serviço Dele. A vocação evangélica é o chamado de Deus para servir em alguma atividade especificamente relacionada ao evangelho, visando edificar a humanidade e proclamar ao mundo as boas-novas de redenção. Essa vocação redentora é oferecida a todos. Entretanto somente aqueles a quem Deus conheceu, elegeu e chamou são capazes de apropriar-se dela. Na verdade, ninguém vem a Ele espontaneamente, mas só por força de um chamado: *“aos que de antemão conheceu... predestinou; e aos que predestinou, a esses também chamou”* (Rm 8, 29-30).

Giordani (1990 p. 7), fala sobre vocação, a partir de duas dimensões: a humana e a divina. A vocação refere-se *“à acepção específica de convite que Deus dirige a alguém para que -no âmbito da Igreja- siga a Cristo num estilo particular de vida: aquele sacerdotal ou aquele religioso”*. Como o autor faz um estudo psicológico sobre a vocação, ele enfoca o problema vocacional a partir do comportamento que o homem passa a demonstrar após aceitar a intervenção de Deus, de forma explícita, em sua vida.

A definição de vocação em Teixeira (1995) é baseada na de Geffré (2001), que fala da vocação permanente da Igreja enquanto Instituição. Essa vocação é representada pela missão evangelizadora da Igreja, que não consiste, apenas, em converter pessoas ao Cristianismo ou a algum sacramento religioso (caráter qualitativo), mas a missão de dar o testemunho vivo do Reino de Deus existente além da fronteira terrena, ou seja, transcendental. Examinemos o pensamento de Geffré apud Teixeira (1995 p. 226) apresentado a seguir: *“A vocação permanente da Igreja não consiste na extensão quantitativa de seus membros, mas, em diálogo e colaboração com todos os homens de boa vontade (que podem pertencer a outras religiões ou famílias espirituais), revelar e promover o Reino de Deus que já começou a se inaugurar nos primeiros instantes da criação”*.

A vocação da Igreja seria então, promover um diálogo e colaboração entre os homens que assim o desejassem, revelando o Reino de Deus inaugurado a partir da criação divina.

Segundo o Papa João Paulo II (1999 p.143), a vocação está em atender ao chamado de Deus e dedicar-se totalmente à missão que foi iniciada por Jesus Cristo, fazendo Dele seu paradigma. Essa missão aplica-se, fundamentalmente, a quem faz parte da Vida Consagrada e vive sob a ação do Espírito Santo, que está na origem de toda vocação. Diz o *Pontífice: “A imagem de Jesus, dileto Filho “a quem o Pai consagrou e enviou ao mundo” (Jo 10,36), também aqueles que Deus chama a seguir Cristo são consagrados e enviados ao mundo para imitar o seu exemplo e continuar a sua missão. Valendo fundamentalmente para todo discípulo, isto se aplica de modo especial àqueles que são chamados, na característica forma da vida consagrada, a seguir Cristo “mais de perto” e a fazer dele o “tudo” da sua existência. Na sua vocação, portanto, está incluído o dever de se dedicarem totalmente à missão; mas, a própria vida consagrada, sob a ação do Espírito Santo que está na origem de toda vocação e carisma, torna-se missão, tal como o foi toda a vida de Jesus”*.

Vocação, desde a perspectiva filosófica

O conceito de vocação pode ser explicado a partir de duas categorias essenciais da teoria existencialista de Sartre: a finalidade e a liberdade.

Frisa Moutinho (1995, p. 56), ao reproduzir o pensamento sartriano, que vocação pode ser explicada pela definição de conduta, quando a mesma não representa um caráter automático, e sim, faz parte de uma postura adotada pelo sujeito. Nesse caso, ela possui um significado, tem um sentido, e o problema psicológico passa a ser a busca desse sentido: *“De fato, só enquanto tem uma finalidade - portanto finalidade para um sujeito - o fato psíquico significa alguma coisa, tem um sentido. Caso contrário, é mero efeito de uma causa, automaticamente; ocorre sem visar um fim, apenas ocorre”*.

Para Sartre (1943 p. 71), se existe finalidade numa determinada ação humana, então existe uma atitude intencional por trás desta, que pode ser explicada pela suposição de que existem *motivos* para que ela ocorra, no entanto, não necessariamente, devem-se considerar os motivos como a *causa* principal de tal fato: “Se o motivo não produz o fim, tal como a causa o seu efeito, é porque o fim vem ao mundo pelo homem. (...). Nisso estará a verdadeira liberdade humana”.

No texto intitulado, “Questão de método”, Sartre, apud Moutinho (1995 p. 108), refere-se à liberdade assim: “*Como esse impulso em direção da objetivação toma formas diversas segundo os indivíduos, como ele nos projeta através de um campo de possibilidades, das quais realizamos algumas com exclusão de outras, chamamo-lo também de escolha ou de liberdade*”.

A partir de Sartre, conclui-se que os motivos que propiciaram a escolha do Aspirante pela Vida Religiosa não representam um fim em si, mas a prova cabal de que o indivíduo tem liberdade para projetar seus atos num futuro que explicará as ações do presente.

A natureza da vocação é essencialmente relacional, entre aquele que chama (Deus) e aquele que responde (homem). Somos chamados para promover a reconciliação. Este chamado envolve mais do que a capacidade de execução de projetos de natureza religiosa, envolve a arte de conduzir as pessoas à experiência da oração e ao encontro com o Criador.

Para descobrir-se o “eu”, faz-se necessário um mergulho no plano de consciência. Inicialmente, depara-se com os desejos, vontades, esperanças e apelos de cada pessoa, mas ainda não é o “eu”. Então, ao mergulhar-se mais profundamente em si mesmo (ato de transcender), esbarra-se com o que Mounier chamou de a “unificação progressiva”; de todos os atos e estados próprios da pessoa. Essa unificação não é um apelo à individualidade, e sim, à integração. É o que recria o homem a partir de seu interior, e é esse “princípio vivo e criador o que chamamos em cada pessoa de vocação”. Não uma vocação sistemática e abstrata, mas progressiva, no sentido de um princípio espiritual de vida.

Em Martins (1997 p. 67), encontra-se a definição de vocação baseada no pensamento de Mounier, entendida por ele como vocação unificante, aquela que é considerada como a “segunda dimensão fundamental da pessoa”. “*A vocação é, pois, para a pessoa, a unificação da pessoa em si mesma, em seu ser espiritual independente, recolhimento no íntimo de si mesmo e abertura deste mais íntimo de si mesmo para a transcendência, que a explica, a sustém, a chama, se bem que reconhecendo por completo o uso de sua liberdade*”.

Conclusões

De acordo com as distintas formulações: filosófica, psicológica e teológica, acerca do existir humano chega-se à compreensão de que o termo *vocação* se assemelha ao conceito de *sentido*, pois, tanto um quanto outro, diz respeito aos significados, aos propósitos assumidos por cada pessoa em sua singularidade. Entretanto, Frankl distingue os sentidos e princípios dos mecanismos de defesa e do que se costuma chamar de “*formações e sublimações de reações*”. Assim, para Frankl, o homem é capaz de morrer por seus princípios e ideais.

Em Frankl, há um pressuposto importante, para ele não há no homem impulso moral, ou um impulso religioso, como se fosse idêntico a um instinto básico. O homem é impulsionado a uma conduta moral em cada caso, ele decide agir moralmente. Ele não atua simplesmente para satisfazer um impulso moral, e ter uma boa consciência: age, isto sim, por uma causa com a qual se identifica. Age-se apenas para tranquilizar sua consciência, é um “*fariseu*”, e não uma pessoa de boa conduta moral. Pode ser que uma consciência tranqüila seja uma ajuda; mas a moralidade é mais que um tranquilizante.

Contudo, o que se marca de diferente nos referidos teóricos é o que podemos chamar de motivos ou motivações. Assim que estabelecem as diferenças entre Freud, Adler, Sartre, Rogers e Frankl. Constata-se que, para Freud, o impulso principal é a vontade do prazer, para Adler a vontade do poder. Para Rogers a pessoa deva “*ser o que realmente se é*” e, para tanto ele aconselha uma relação aberta, amigável e estreita com as sua

própria experiência e, para Frankl, a vontade de sentido, ou seja, o significado humano está orientado em direção a algo ou alguém e, nunca outra vez, ele mesmo. Para Sartre, o homem se inventa a si mesmo, concebe sua própria essência, isto é, o que ele é essencialmente, inclusive o que deveria e teria que ser. Para Frankl, nós não inventamos o sentido de nossa existência, mas o descobrimos.

Segundo o texto da Bíblia, Deus estabelece com o homem uma relação de aliança, que se manifesta e atua concretamente na história, em termos de *vocação* pessoal. Ato primeiro da iniciativa amorosa de Deus que quer salvar todos os homens, esta *vocação* é absoluta e universal (Rm 1,7). De resto, nenhuma *vocação* se cumpre de maneira irresistível ou fatal - a seu respeito é sempre possível uma atitude de fidelidade ou infidelidade. Na sua essência, a *vocação* cristã pode ser entendida como o chamado de Deus para que a pessoa coopere como sua colaboradora, na Nova Aliança (Jr 31,31).

Referências

- BÍBLIA. (1983). São Paulo: Edições Loyola.
- BOGART, G (1996). *Profissão/vocação: prazer ou rotina?* Revista Hoje em Dia. 04/07/96.
- CADA, L. (1985). *Em busca de um futuro para vida religiosa*. São Paulo: Edições Paulinas.
- GEFFRÉ, C. (2001). *Croire et interpréter. Le tournant herméneutique de la théologie*. Paris: Cerf.
- GIORDANI, B. (1990). *Resposta ao homem ao chamado de Deus – Estudo psicológico sobre a vocação*. São Paulo: Edições Loyola.
- FRANKL, V. E. (1977). *Psicoterapia para todos*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- FRANKL, V. E. (1989). *Psicoterapia e Sentido de Vida – Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial*. São Paulo: Quadrante.
- FRANKL, V. E. (1993). *A Presença ignorada de Deus*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- FRANKL, V. E. (1995). *Logoterapia e análise existencial - Textos de cinco décadas*. São Paulo: Editorial Psy II.
- HILLMAN, J. (1996). *O Código do Ser – Uma Busca do Caráter e da Vocação Pessoal*. Rio de Janeiro: Objetiva
- HOUTART, F. (1994). *Sociologia da religião*. São Paulo: Editora Ática.
- JUNG, C. G. (1987). *Psicologia e religião*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- LUKAS, E. (1985). *Assistência logoterapêutica*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MANENTI, A. (1993). *Viver os ideais - Entre o medo e o desejo*. São Paulo: Paulinas.
- MARTINS, A. C. (1997). *Metafísica e ética da pessoa: a perspectiva de Emmanuel Mounier*. Fortaleza.
- MERLEAU-PONTY, M. (1975). *Fenomenología de la percepción*. Barcelona: Península.
- MOUTINHO, L. D. S. (1995). *Sartre – Existencialismo e liberdade*. São Paulo: Editora Moderna.
- OLIVEIRA, J. L. M. (1999). *Teologia da Vocação*. São Paulo: Edições Loyola.
- PALÁCIO, C. (1991). *Reinterpretar a vida religiosa*. São Paulo: Edições Paulinas.
- PONTÍFICE, J. P. II (1999). *Centesimus Annus - Carta Encíclica de João Paulo II*. São Paulo: Paulinas
- PORTELLI, H. (1984). *Gramsci e a questão religiosa*. São Paulo: Edições Paulinas.
- RAMPAZZO, L. (1996). *Antropologia, religiões e valores cristãos*. São Paulo: Edições Loyola.
- ROGERS, C. R. (2002). *Tornar-Se Pessoa*. São Paulo: Martins Fontes

RULLA, L (1987). *Antropologia da vocação cristã*. São Paulo: Paulinas.

SUNG, J. Mo (1998). *Desejo, mercado e religião*. Petrópolis, RJ: Vozes.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada – Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Vozes, 3^a ed., Petrópolis, RJ, 1943.

TEIXEIRA, F. (1995). *Teologia das religiões – Uma visão panorâmica*. São Paulo: Edições Paulinas.

Sobre o autor

Eliseudo Salvino Gomes. Doutorado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Universidad Pontificia de Salamanca-UPSA (2009). Possui aperfeiçoamento em Linguística pelo Colegio de España (2006); aperfeiçoamento em Niveau Débutant pelo Institut Catholique de Paris (2005); Formação em Psicodiagnóstico pela Escola Cristo Rei - São Paulo, extensão da Universidade Gregoriana de Roma (2004); Mestrado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza-UNIFOR (2002), Formação em Logoterapia pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB (1996), graduação em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB (1995); Especialização em Mariologia pela Pontificia Universidade do Paraná-PUCPR (1995), graduação em Teologia Catequética pela Universidade Católica de Salvador-UCSAL (1993), Membro do grupo de pesquisa da Rede Lusófona de Estudos da Felicidade
Email: salvinno@hotmail.com